



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17641 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

**SER PROFESSORA DE BEBÊS: A AUTOETNOGRAFIA COMO EXERCÍCIO METODOLÓGICO DE PESQUISA**

Carla Almeida - UFRRJ - PPGEDUC - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Valéria Fernandes de Abreu - UFRRJ - PPGEA - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**SER PROFESSORA DE BEBÊS: A AUTOETNOGRAFIA COMO EXERCÍCIO METODOLÓGICO DE PESQUISA**

Este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado que tem como objetivo refletir sobre as experiências e as relações da docência com bebês, a partir de registros narrativos e imagéticos realizados por uma professora-pesquisadora. Os registros derivam do cotidiano com bebês em uma instituição pública de Educação Infantil localizada na zona central de uma capital brasileira e foram constituídos ao longo de três anos (2021, 2022 e 2023) como professora de bebês nesta instituição. Olhar para estes registros foi o caminho para tecer uma reflexão sobre a docência com bebês, buscando compreender as relações estabelecidas entre os sujeitos, olhando para as experiências vividas como uma forma de analisar e questionar o fazer docente junto aos bebês.

A autoetnografia é “uma forma de pesquisa que busca descrever e analisar a experiência pessoal a fim de compreender a experiência cultural” (MAGALHÃES, 2018, p. 18). Nesse sentido, encontramos na autoetnografia a ferramenta metodológica para encaminhar as análises da pesquisa, considerando as experiências, olhares, sentimentos e sensações da professora como parte constituinte do próprio fazer da pesquisa, compreendendo que tais registros narrativos revelam não só as experiências de quem relata, mas também os modos de ser e fazer que reverberam as experiências de coletividade e pertencimento que correspondem a uma condição social de ser professora. Com isso, o exercício da autoetnografia é o de perceber nas próprias experiências modos de entender os sujeitos e o ambiente em que se está

inserido quando imerso nas relações.

O surgimento e ampliação da utilização da autoetnografia como caminho metodológico nas pesquisas no campo das Ciências Humanas deriva de três pontos identificados por Magalhães (2018): “1) maior interesse pela pesquisa qualitativa e pelas histórias de experiência pessoal no meio acadêmico; 2) maior reconhecimento da ética na pesquisa; 3) convergência de mulheres e minorias para o meio acadêmico.” (p. 18). Não por acaso, ampliar as vozes de professoras de bebês por meio da pesquisa autoetnográfica é também contribuir com a visibilidade do fazer docente de mulheres professoras que atuam junto aos bebês e crianças pequenas e que por muitos anos tiveram seus dilemas, questões e práticas desconhecidas e invisibilizadas.

Salluto e Nascimento (2019) apontam uma ampliação nas pesquisas sobre/com bebês no campo educacional nas últimas quatro décadas, porém “no que concerne à especificidade dos estudos sobre bebês e creches, ainda que haja avanços na área, são tímidos diante dos estudos sobre temas do outro segmento da Educação Infantil: a pré-escola” (p. 19). Nesse sentido, entendemos que a docência com bebês é, antes de tudo, relacional, então compreender o trabalho e os modos de fazer docente é também entender o próprio bebê, em seus modos de ser e viver junto ao outro em sociedade. Para a antropóloga Alma Gotlieb (2009), um dos fatores que limitam as pesquisas sobre bebês é que “os bebês, na maioria das sociedades, passam a maior parte do seu tempo junto às mulheres (...) e até duas décadas atrás, essas eram negligenciadas como sujeitos sociais por muitos antropólogos.” (GOTLIEB, 2009, p. 321). Nesse sentido, percebe-se que tanto os bebês quanto as mulheres, e nesse caso as professoras, tiveram suas experiências e viveres à margem dos estudos.

A autoetnografia como metodologia de pesquisa busca responder a esse apagamento, entendendo-a como uma “maneira de produzir uma investigação significativa, acessível e evocativa, fundamentada na experiência pessoal (...), experiências envoltas pelo “silêncio” (entendido aqui como silêncio acadêmico, referente a algumas questões sociais).” (SANTOS, 2017, p. 220). Os registros narrativos e imagéticos trazidos no contexto da pesquisa foram escritos pela professora de bebês em meio ao seu cotidiano em um caderno de observação e trazem nas palavras reflexões sobre as relações com os bebês, entre os bebês e os espaços e as regras institucionais e as interações com os demais sujeitos da creche. Assim, falar da própria prática com os bebês é também considerar que tais palavras fazem (re)existir a importância social de cada experiência relatada, reconhecendo que as experiências ressoam e reverberam em outras vozes.

Com isso, evidenciamos que a escolha da autoetnografia como exercício metodológico da pesquisa reconhece que os fatores vividos não são fatos isolados, mas eles correspondem à vivência de uma condição, olhando para essas experiências como um fenômeno social. Trazer essa percepção para o campo acadêmico é sobretudo proporcionar novas perspectivas, enfrentando as dificuldades que se revelam a partir de uma condição de subalternidade, trazendo luz à necessidade de um olhar respeitoso e profundo para essas experiências. Nesse

sentido, falar da docência com bebês e pensar essa experiência, é também pensar que, por trás dessa docência há uma categoria que advoga seus espaços e que luta contra a invisibilidade desse trabalho. De igual modo, uma autoetnografia que traz o ofício da docência com bebês, fala também do próprio bebê de sua condição social, política e educacional, que é também permeada pela invisibilidade e que busca a garantia pelo direito de seu reconhecimento.

**Palavras-chave:** Autoetnografia; Docência; Bebês; Educação Infantil.

## **REFERÊNCIAS**

GOTLIEB, Alma. Para onde foram os bebês? Em busca de uma antropologia de bebês (e de seus cuidadores). **Psicologia USP**, São Paulo, v. 20(3), p. 313-336, jul./set., 2009.

MAGALHÃES, Célia Elisa Alves. Autoetnografia em contexto pedagógico: entrevista e reunião como lócus de investigação. **Revista Veredas**, Juiz de Fora, v. 22, n. 1, p. 16-33, 2018.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural Revista de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017.

SALUTTO, Nazareth; NASCIMENTO, Anelise Monteiro. Onde estão os bebês? Reflexões para a sua construção conceitual a partir de um debate interdisciplinar. **Áltera**, João Pessoa, v. 1, n. 8, p. 14-37, jan./jun., 2019.